

GERALDO DA ROCHA MORAES

Venerando Ribeiro como o matuto Ady (cultura simples e interiorana), e Paulo José como Evandro (cultura urbana e pretensiosa)

O cinema nacional como lição de vida e independência ao País



Geraldo da Rocha Moraes: "nosso compromisso fundamental é com o público brasileiro. Nós temos de falar para nós mesmos"

Judas Tadeu Pôrto

"A maior lição do cinema brasileiro ao País é a seguinte: não se deve no exterior nenhum tostão, nenhum centavo de dólar, motivado pela indústria cinematográfica do Brasil. Nunca! O cinema brasileiro não deve nada no exterior. E outra coisa: o cinema brasileiro é mantido exclusivamente pelo capital nacional, trabalha exclusivamente com mão-de-obra nacional, mas tudo aquilo que ele tem como problema é decorrência de política de importação inadequada. O cinema brasileiro está dando esta lição e se o pessoal não aprendeu é porque não quis aprender mesmo." Estas são as afirmações de Geraldo da Rocha Moraes, diretor do filme *A Dificil Viagem* (em cartaz desde ontem em Goiânia), que fala sobre o cinema nacional, o momento atual, seu filme e as dificuldades de se fazer cinema.

Analisando o momento atual por que passa o cinema e os cineastas brasileiros o professor de cinema e antropologia da UNB considerou-o crítico: "Acho o momento terrível, porque estamos à beira da falência econômica e cultural também, porque se passa mais tempo com a importação que a gente tem aí, daqui há pouco não tem mais nada dentro da cabeça da gente, porque tudo foi importado. Mas estes momentos críticos são ricos, justamente porque levam à reflexão sobre nossa situação, ricos porque temos de descobrir caminhos. Até algum tempo atrás o Brasil tinha muitas possibilidades, muitos recursos, tudo estava bom, o Arnaldo Jabour fez até um filme *Tudo Bem*. Mas hoje estamos vendo que nada estava bem, que não houve milagre. Então é preciso encontrar uma solução, e acho isto riquíssimo para o cinema."

Sem colocar seu filme como o guia de uma bandeira, Geraldo da Rocha Moraes acredita que há um espaço a ser percorrido no cinema brasileiro, principalmente depois que o Cinema Novo exibiu e procurou refletir a realidade do Brasil: "criou um hábito, fez escola, e acho que isto ficou preso aos filmes mais importantes do País a partir da década de 60. Acho que esta função do cinema continua a existir hoje: que o cinema deve refletir também a situação do Brasil de hoje. Esta pretensão meu filme teve (sem querer criar escola ou coisa que o valha), de seguir uma linha, que acho, seja a tendência atual do cinema brasileiro, justamente um reflexo do momento que estamos vivendo, de redescoberta do Brasil".

Sobre o Cinema Novo, uma corrente que influenciou profundamente os cineastas nacionais, Geraldo Moraes não negou seu respeito: "Acho impossível pensar o cinema no Brasil hoje sem ter como ponto de referência o Cinema Novo, não que se vá repeti-lo, ou criar um novo 'Cinema Novo', mas por uma questão simples: antes dele quem fazia cinema no Brasil eram pessoas, de modo geral, que tinham vivido a atividade



Cena de um parto realizado conforme os costumes da população do interior, cuja cultura está refletida em "A Dificil Viagem"

de teatro, rádio ou cinema, de dentro dela, de maneira prática, mas que não tinham refletido muito sobre cinema. O Cinema Novo representa o surgimento de um grupo de pessoas novas inexperientes, em geral pouco conhecedor das técnicas de cinema e equipamento, mas que tinham na cabeça uma série de idéias com relação a cinema. É a classe média no cinema. O Cinema Novo é muito importante na medida em que começou a refletir a realidade do Brasil, a criar realmente um filme de maior profundidade, com objetivos determinados. Isto é marcante em qualquer lugar e não dá para ignorá-lo".

A *Dificil Viagem* se apresenta como um filme que pretende comunicar uma idéia, assim como os filmes do Cinema Novo, mas também interessar o espectador pelo prazer da história mostrada na tela. Geraldo Moraes explica: "Meu filme pretende apresentar determinadas idéias sobre o tema que ele trata, mas é preciso ter muito respeito por uma pessoa que paga 500 ou mil cruzeiros para ir ao cinema. E que vai lá com uma certa expectativa. Então eu tenho que apresentar para esta pessoa algo mais do que o que ela quer, mas tenho que partir daquilo que ele deseja ver. Por outro lado, a situação do Brasil atual não dá pra gente ficar brincando de fazer filme em 35mm, colorido, envolvendo toda uma tecnologia, uma série de recursos; pra ter como único objetivo atingir meia dúzia de pessoas. Eu acho um desperdício. Meu filme procura atender ao repertório popular."

Geraldo Moraes não se abdicar portanto dos mecanismos que atraem o espectador ao cinema: "Trabalhando em cima disto nosso compromisso fundamental é com o público brasileiro. Nós temos de falar para nós mesmos. Todos sabem da experiência da Vera Cruz (produtora de filmes nos anos 40), uma grande empresa criada no Brasil que queria fa-

zer filmes para o mundo inteiro ver. Então eles faziam um filme sobre um cara que morava na beira da praia em Santos, SP, mas este cara parecia era marinheiro inglês. Assim, eu acho que é o momento da gente revelar para o próprio Brasil, a realidade do Brasil. Houve um período, o do "milagre brasileiro", em que a gente vivia estatisticamente, hoje, a gente tem de ver que o País é real, ele existe aí. E o cinema tem esta função de revelá-lo. Eu acho, aliás, acho não, está vindo aí uma boa leva de filmes que, não tanto pelo romantismo, mas pelo fato de refletirem a vida no interior do Brasil, são muito importantes".

A produção de filmes no Brasil sempre foi uma coisa muito penosa, difícil, e o cinema sempre foi marginalizado como atividade, daí, como lembra o diretor, o cinema brasileiro não ter vivido o falso milagre. "No Brasil não existe investimentos como em outros países e embora exista a Embrafilme, o próprio governo não oferece nenhum incentivo a quem investe no cinema. Mas isto também é uma questão de opção, no momento em que você decide fazer um filme pornô, ou não pornô, isto implica em toda uma posição que você tem com relação à vida, ao cinema e até ao aspecto comercial. Mas eu tenho absoluta certeza, e há exemplos, de que o chamado grande público não consome só pornografia. É muito grande o número de filmes que são muito bem recebidos e fazem sucesso sem explorarem nada disto. A questão da pornografia, do filme erótico, está relacionada com um pouco de preguiça de pensar do cineasta. Alguém descobre uma fórmula e começa a repetir esta fórmula. Um caso típico: em toda a história do cinema o filme que permaneceu sempre foi o de aventura. No caso do cinema importado, foi o faroeste."

"Já o filme erótico teve modas, de acordo com os erotismos de cada

época. Mas eu fiz um filme de aventura. É uma aventura muito grande você descobrir seu próprio País. Você se chocar com aquilo que está do seu lado. As dificuldades de produção e os desafios enfrentados estão relacionados com isto. Eu sei também que meu filme tem um espaço que precisa ser explorado. A chanchada erótica, ou pornochanchada, ela nasceu na década de 70, em função inclusive de uma censura muito dura. Na medida em que hoje não existem mais estas condições, não há razão de estar sempre apelando para uma fórmula fácil e inconsequente, onde você faz um filme e não diz nada".

Especificamente sobre o filme *A Dificil Viagem*, seu diretor explica que o confronto surgido entre as duas culturas, a urbana do engenheiro Evandro de Souza, e a do interior manifestada pela comunidade, não chega a ser uma oposição: "Não quero colocar que a cidade é má e o interior é que é bom. O que quero colocar é que a cultura urbana que temos está voltada, não para dentro do Brasil, mas para o exterior. Disto temos como resultado a "moratória cultural", ou seja, a gente não tem mais nada pra fazer, fica pedindo coisas emprestadas e não sabe mais o que produzir."

Então está na hora, há muito tempo, mas agora chegamos a uma situação dramática, da gente ter que se voltar para o interior. Até mesmo por uma necessidade de sobrevivência. Esta coisa também afeta o cinema brasileiro. O cinema brasileiro tem de fazer filmes voltados para sua realidade, refletindo esta realidade, ao invés de querer ser um pseudo cinema norte-americano, europeu, etc. Não tem nada de xenofobia, mas é questão que tem relação com cada um de nós. Na medida em que você não é realmente você mesmo, não tem o que dizer. E a gente tem tanta coisa pra dizer, por que ficar copiando?"



Os atores e o fotógrafo no meio do Rio Araguaia: o cinema brasileiro superando obstáculos para conquistar seu próprio espaço

Um choque de duas culturas

A *Dificil Viagem*, o último filme realizado em Goiás, filmado na região de Aruanã no final de 1981, contou com o apoio da Universidade Federal de Goiás, Sudeco e Goiás-tur, além de outros órgãos. O filme resultou do argumento roteirizado pelo próprio diretor e contou com a fotografia de Walter Carvalho, cenografia e figurinos de Malu Moraes (esposa de Geraldo Moraes), música de Clodo, Climério e Clésio, além da montagem de Walter Goulart e assistência de direção de Carlos Del Pino.

O enredo de *A Dificil Viagem* narra a experiência de Evandro de Souza, quarenta anos, engenheiro que estudou no exterior, dono de uma empresa de construção civil. Mas com a falência da empresa e a morte do pai, ele decide iniciar nova vida viajando pelo interior do País. Resolve radicar-se por algum tempo em Barreira do Pequi, às margens do Araguaia. Ali, constata uma nova realidade, diversa das suas teorias, e tenta modificar os hábitos da população simples e inculta. O engenheiro passa a viver o conflito entre sua formação urbana, intelectual, e a realidade dura e simples do sertão. O contraste entre suas teorias e o comportamento das pessoas locais passa a dominar suas ações. Ele termina por se envolver num crime, do qual é a única testemunha, mas aproxima-se mais dos amigos que o cerca. Enfim, constatando a inocuidade de suas idéias e ações, Evandro aceita as modificações necessárias para se adaptar à nova realidade. Uma realidade que representa o outro lado do País em desenvolvimento.

No elenco de *A Dificil Viagem* estão, além de Paulo José e Zaira Zambelli nos papéis principais, Roberto Bonfim, Venerando Ribeiro, João Antônio, Rui Resende, César Teixeira, Joselita Alvarenga e Beatriz de Castro.